

ADAM SILVERA

OS DOIS MORREM
NO FINAL



OS
DOIS
MORREM
NO
FINAL

OS
DOIS
MORREM
NO
FINAL

THEY BOTH DIE AT THE END

ADAM SILVERA

TRADUÇÃO DE VITOR MARTINS



Copyright © 2017 by Adam Silvera

Não é permitida a exportação desta edição para Portugal, Angola e Moçambique.

TÍTULO ORIGINAL
They Both Die at the End

PREPARAÇÃO
Ilana Goldfeld

REVISÃO
Carlos César da Silva

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
Simon Prades

DESIGN DE CAPA
Erin Fitzsimmons

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S592d

Silvera, Adam, 1990-
Os dois morrem no final / Adam Silvera ; tradução
Vitor Martins. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
416 p. ; 21 cm.

Tradução de: They both die at the end
ISBN 978-65-5560-302-6

1. Ficção americana. I. Martins, Vitor. II. Título.

21-72171

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Olá,

aqui quem fala é a Central da Morte.

Sinto muito em lhe informar que em algum momento ao longo das próximas 24 horas você terá um encontro prematuro com a morte.

Em nome de toda a equipe da Central da Morte, sentimos muito a sua perda.

Aproveite este dia ao máximo, está bem?



PARTE UM

Central da Morte

Viver é a coisa mais rara do mundo.

A maioria das pessoas apenas existe.

— Oscar Wilde

5 de setembro de 2017
MATEO TORREZ
00h22

A Central da Morte está me ligando com o aviso mais importante que recebemos durante a vida: vou morrer hoje. Esquece, “aviso” é uma palavra forte demais, já que avisos em geral sugerem algo que pode ser evitado, como um carro buzinando para um pedestre que atravessou a rua no sinal vermelho, dando a ele uma chance de se afastar; isso é mais como um alerta. Este alerta altíssimo, um gongo inconfundível e infinito, como um sino de igreja a um quarteirão de distância, está vindo do meu celular no outro lado do quarto. Já estou surtando, um milhão de pensamentos abafando tudo ao meu redor. Aposto que é isso que um paraquedista sente ao saltar do avião pela primeira vez, ou um pianista tocando em seu primeiro concerto. Não que eu vá confirmar essas suspeitas um dia.

Que loucura. Um minuto atrás eu estava lendo uma publicação de ontem no blog *ContagemRegressiva* — onde os Terminantes registram suas últimas horas com status e fotos atualizados em tempo real, e essa postagem, em específico, era

a história de um estudante universitário tentando encontrar um lar para seu golden retriever — e agora eu vou morrer.

Vou... não... sim. Sim.

Sinto um aperto no peito. Vou morrer hoje.

Sempre tive medo de morrer. Não sei por que, mas eu acreditava que ter medo poderia impedir que isso viesse a acontecer. Não para sempre, claro, mas por tempo o suficiente para que eu pudesse crescer. Meu pai sempre botou na minha cabeça que eu deveria fingir ser o protagonista de uma história na qual nada de ruim acontece, em especial a morte, porque o herói precisa estar vivo para salvar todo mundo. Mas o barulho na minha cabeça está diminuindo e há um mensageiro da Central da Morte na linha esperando para me contar que vou morrer hoje, aos dezoito anos.

Uau, eu realmente...

Não quero atender o celular. Preferiria correr até o quarto do meu pai e xingar com a cara enfiada num travesseiro porque ele escolheu o momento errado de ir parar na UTI, ou socar a parede porque minha mãe me predestinou a uma morte prematura ao falecer durante o parto. O celular toca pelo que me parece ser a trigésima vez, e não posso mais evitar esse som, da mesma forma que não poderei evitar o que irá acontecer mais tarde, ainda hoje.

Tiro meu notebook de cima das pernas cruzadas e me levanto da cama, cambaleando, me sentindo tonto de verdade. Pareço um zumbi caminhando em direção à escrivaninha, lento e morto-vivo.

O identificador de chamadas mostra CENTRAL DA MORTE, é claro.

Estou tremendo, mas consigo pressionar o botão verde. Não digo nada. Não sei o que dizer. Apenas respiro fundo, porque me restam menos de 28 mil respirações — a média de respirações diárias de uma pessoa que não está morrendo —, e é melhor gastar todas elas enquanto ainda há tempo.

— Olá, aqui quem fala é a Central da Morte. Eu me chamo Andrea. Você está aí, Timothy?

Timothy.

Meu nome não é Timothy.

— Acho que foi engano — respondo. Meu coração se acalma, embora eu me sinta mal por esse tal de Timothy. De verdade. — Meu nome é Mateo. — Tenho o mesmo nome que o meu pai, e ele sempre quis que eu o passasse adiante. Agora eu posso fazer isso, se um dia tiver um filho.

Do outro lado da linha, ouço o som de teclas de computador, provavelmente corrigindo o registro ou qualquer coisa no banco de dados.

— Ah, sinto muito. Timothy é o rapaz com quem acabei de falar. Ele não recebeu a notícia muito bem, pobrezinho. Você é Mateo Torrez, certo?

E, num piscar de olhos, minha esperança é destruída.

— Mateo, poderia por gentileza confirmar sua identidade? Infelizmente ainda tenho muitas ligações para fazer esta noite.

Sempre imaginei que meu mensageiro — é o termo oficial deles, não fui eu quem inventou — soaria solidário e cuidadoso ao me dar a notícia, talvez até lamentando sobre como meu caso é especialmente trágico, já que sou

tão novo. Para ser sincero, a pessoa poderia até ser alguém tagarela, me dizendo como deveria me divertir e aproveitar o dia ao máximo, já que pelo menos sabia o que estava prestes a acontecer. Assim eu não ficaria trancado em casa encarando um quebra-cabeça de mil peças que nunca vou terminar ou me masturbando, já que sexo com uma pessoa de verdade me assusta. Mas essa mensageira faz com que eu sinta que estou desperdiçando seu tempo, o que, ao contrário de mim, ela tem de sobra.

— Certo. Mateo sou eu. Eu sou Mateo.

— Mateo, sinto muito em lhe informar que em algum momento ao longo das próximas 24 horas você terá um encontro prematuro com a morte. E, embora não haja nada que nós possamos fazer para evitar isso, você ainda tem a oportunidade de viver.

A mensageira começa a falar sobre como nem sempre a vida é justa e apresenta uma lista de eventos dos quais eu poderia participar hoje. Eu deveria ficar irritado com ela, mas é óbvio que está entediada enquanto recita aquelas falas que já deve saber de cor após ter contado para centenas, talvez milhares de pessoas, que elas morreriam em breve. Ela não tem qualquer empatia. É provável que esteja pintando as unhas ou em uma partida de jogo da velha contra ela mesma enquanto fala comigo.

No *ContagemRegressiva*, os Terminantes publicam relatos sobre tudo, desde a ligação até o que estão fazendo no Dia Final. É basicamente um Twitter para Terminantes. Já li um monte de postagens nas quais eles confessaram ter perguntado para os mensageiros sobre como iriam morrer, mas é de

conhecimento geral que essas informações específicas não estão disponíveis para ninguém, nem mesmo para o ex-presidente Reynolds, que tentou se esconder da Morte em um abrigo subterrâneo quatro anos atrás e foi assassinado por um de seus agentes secretos. A Central da Morte só avisa a data da morte, mas nunca o minuto exato ou a causa.

— Você entendeu tudo o que falei?

— Entendi.

— Acesse centraldamorte.com e preencha qualquer desejo específico para o seu funeral, além da frase que gostaria para a lápide. Ou talvez você queira ser cremado, neste caso...

Na vida inteira, eu só fui a um funeral. Minha avó morreu quando eu tinha sete anos, e fiz pirraça no velório porque ela não acordava de jeito nenhum. De repente, cinco anos depois, com o surgimento da Central da Morte, todo mundo estava *acordado* nos próprios velórios. Ter a chance de se despedir antes de morrer é uma oportunidade incrível, mas não é melhor usar esse tempo vivendo de verdade? Talvez eu pensasse diferente se soubesse que pessoas compareceriam ao meu funeral. Se eu tivesse mais amigos do que dedos da mão.

— Timothy, em nome de toda a equipe da Central da Morte, sentimos muito a sua perda. Aproveite este dia ao máximo, está bem?

— Eu sou o Mateo.

— Perdão, Mateo. Que vergonha. Está sendo um dia interminável e essas ligações são muito estressantes e...

Desligo na cara dela, o que é falta de educação, eu sei. Eu sei. Mas não posso ficar ouvindo uma pessoa falar sobre

como seu dia está estressante quando eu posso cair morto na próxima hora, ou até mesmo nos próximos dez minutos. Eu poderia engasgar com uma pastilha para tosse; poderia querer sair de casa para fazer alguma coisa e quebrar o pescoço ao cair da escada, antes mesmo de chegar na rua; alguém poderia invadir o apartamento e me matar. A única coisa que, com toda a certeza, está fora de cogitação é morte por velhice.

Desabo no chão e fico de joelhos. Tudo vai acabar hoje, e não há absolutamente nada que eu possa fazer. Não posso embarcar em uma jornada por um universo infestado de dragões e recuperar um cetro que vence a morte. Não posso pular em um tapete voador e procurar um gênio que realize meu desejo por uma vida plena e simples. Talvez até dê para encontrar um cientista maluco para me congelar em criogênio, mas é capaz de eu acabar morrendo no meio desse experimento insano. A Morte é inevitável para todo mundo e, hoje, é uma certeza para mim.

A lista de pessoas das quais vou sentir saudade, isso se os mortos forem capazes de sentir alguma coisa, é tão curta que nem dá para chamar de lista: meu pai, por sempre fazer o melhor que pôde; minha melhor amiga, Lidia, não apenas por não me ignorar nos corredores, mas por sempre se sentar comigo no refeitório, por ser minha dupla na aula de ciências, e por conversar comigo sobre como ela quer se tornar uma ambientalista que vai salvar o mundo, e que sua maior recompensa é que eu continue vivendo nele. E é isso.

Se alguém tiver interesse na lista de pessoas das quais eu não vou sentir saudade, não tenho nada a apresentar. Nin-

guém nunca me tratou mal. E até entendo por que algumas pessoas mantiveram distância de mim. Sério, entendo mesmo. Sou totalmente paranoico. As poucas vezes em que fui convidado para fazer algo divertido com meus colegas de classe, tipo andar de patins no parque ou um passeio de carro no meio da noite, acabei desistindo porque *talvez* poderíamos estar nos colocando em risco de morte. *Talvez*. Acho que o que mais vai fazer falta são as oportunidades desperdiçadas de viver a vida e o potencial perdido de fazer grandes amizades com todo mundo que se sentou perto de mim nos últimos quatro anos. Vou sentir saudade de como nunca me enturmei com ninguém nas festas do pijama, onde todos ficavam acordados a noite inteira jogando Xbox Infinity e jogos de tabuleiro, só porque eu era medroso demais.

A pessoa de quem mais vou sentir saudade é o Mateo do Futuro, que talvez teria relaxado um pouco e aproveitado a vida. É difícil imaginá-lo direito, mas imagino o Mateo do Futuro tentando coisas novas, tipo fumar maconha com os amigos, tirar a carteira de motorista, pegando um voo para Porto Rico para saber mais sobre suas origens. Talvez ele esteja namorando alguém, e talvez ele goste dessa companhia. É provável que ele toque piano para os amigos, cante na frente deles, e com certeza teria um velório lotado, um que se arrastaria pelo final de semana inteiro depois da sua morte: um salão lotado de pessoas novas que não tiveram a oportunidade de abraçá-lo pela última vez.

O Mateo do Futuro teria uma lista maior de amigos para sentir saudade.

Mas eu nunca vou me tornar o Mateo do Futuro. Ninguém nunca vai ficar chapado comigo, ninguém vai me assistir tocando piano, ninguém vai se sentar ao meu lado no carro do meu pai depois que eu tirar minha carteira de motorista. Nunca vou brigar com meus amigos para decidir quem fica com o melhor par de sapatos de boliche ou quem vai ser o Wolverine quando jogarmos videogame.

Caio de novo no chão, pensando em como tudo agora é uma questão de fazer ou morrer. Nem mesmo isso.

Fazer, e então morrer.

00h42

Meu pai toma um banho quente para se acalmar toda vez que está triste ou decepcionado consigo mesmo. Comecei a imitá-lo quando fiz treze anos, porque os Pensamentos Confusos do Mateo começaram a aparecer e eu precisava de muito Tempo do Mateo para analisar cada um deles. Agora estou tomando banho porque me sinto culpado por esperar que o mundo, ou alguma parte dele além de Lidia e meu pai, fique triste com a minha partida. Como me recusei a viver invencivelmente todos aqueles dias em que não recebi o alerta, desperdicei todos os meus ontens, e agora já não me resta nenhum amanhã.

Não vou falar para ninguém. Só para o meu pai, mas ele nem está acordado, então não conta. Não quero passar meu último dia me perguntando se as pessoas estão sendo since-

ras enquanto me lançam palavras tristes. Ninguém deveria passar suas últimas horas duvidando das pessoas.

Mas preciso me aventurar pelo mundo, me enganar enquanto finjo que é um dia como qualquer outro. Preciso visitar meu pai no hospital e segurar sua mão pela primeira vez desde que eu era criança, e pela última... uau, a última vez para sempre.

Vou partir antes mesmo de aprender a lidar com a minha mortalidade.

Também quero ver Lidia e sua filha de um ano, Penny. Lidia me escolheu como padrinho de Penny quando a bebê nasceu, e é uma pena que eu seja a pessoa que cuidaria de Penny caso Lidia morresse, já que o namorado dela, Christian, morreu há pouco mais de um ano. Certo, como um garoto de dezoito anos que não ganha nenhum centavo cuidaria de um bebê? Resposta: ele não cuida. Mas eu deveria ficar mais velho e contar para Penny histórias sobre como sua mãe salvou o mundo e como seu pai era um cara tranquilo, e recebê-la na minha casa quando estivesse financeiramente estável e emocionalmente preparado para tudo aquilo. Agora estou sendo arrancado da vida dela antes de me tornar mais que um cara qualquer em um álbum de fotos, sobre quem Lidia talvez conte algumas histórias, momento em que Penny vai apenas balançar a cabeça, talvez tirar sarro dos meus óculos, e então virar para a página, em busca da família que ela de fato conhece e com quem se importa. Não serei nem mesmo um fantasma para ela. Mas isso não é motivo para deixar de fazer cócegas nela uma última vez, ou limpar seu rosto sujo de abóbora e er-

vilha, ou oferecer uma pausa para que Lidia possa estudar para suas provas ou escovar os dentes ou pentear o cabelo ou tirar uma soneca.

Depois disso, darei um jeito de deixar minha melhor amiga e sua filha, e vou sair para viver a vida.

Desligo o chuveiro e a água para de cair sobre mim; hoje não é dia para um banho de uma hora. Coloco meus óculos que estavam sobre a pia. Dou um passo para fora da banheira, escorregando numa poça, e enquanto caio para trás estou pronto para testar se aquela teoria de que a vida inteira passa diante dos seus olhos como um filme é verdade, mas consigo agarrar o suporte de toalha e me seguro. Inspiro e expiro, porque morrer desse jeito seria uma tremenda falta de sorte; alguém me colocaria na lista “No-*caute no Chuveiro*” do blog *MortesEstúpidas*, um site muito famoso que me deixa enjoado em muitos níveis.

Preciso sair daqui e viver. Mas, primeiro, preciso sair deste apartamento com vida.

00h56

Escrevo bilhetes de agradecimento para os vizinhos do 4F e 4A, avisando que hoje é meu Dia Final. Com meu pai no hospital, Elliot do 4F tem ficado de olho em mim, trazendo o jantar, ainda mais desde que nosso forno quebrou na semana passada quando tentei fazer a receita de empanadas do papai. Sean do 4A havia marcado de vir no sábado para consertar, mas agora não precisa mais. Meu pai saberá

como ajeitar o fogão, e vai precisar de distrações depois que eu não estiver mais aqui.

Abro o armário e pego a camisa de flanela azul e cinza que Lidia me deu de presente no meu aniversário de dezoito anos, e a visto por cima de uma camiseta branca. Ainda não usei essa roupa para sair. Essa camisa é como conseguirei manter Lidia comigo ao longo do dia.

Confiro o relógio — um antigo que meu pai me deu depois que comprou um modelo digital com luz embutida por causa da vista ruim — e já é quase uma da manhã. Em um dia normal, eu estaria jogando videogame até tarde da noite, mesmo que aí tivesse que ir para a escola exausto. Ao menos eu poderia dormir nos horários sem aula. Não dei o devido valor àqueles tempos vagos. Deveria ter me inscrito em mais uma matéria, tipo artes, apesar de não ser capaz de desenhar nem se minha vida dependesse disso. (Ou fazer qualquer outra coisa que pudesse salvar minha vida, é claro, e queria dizer que isso não é relevante, mas na verdade é o que importa, não é?) Talvez eu devesse ter entrado em uma banda, tocado piano, recebido algum tipo de reconhecimento antes de criar coragem para cantar um refrão. Depois, talvez, um dueto com alguém legal, e então me arriscar em um solo. Poxa, até mesmo teatro poderia ter sido divertido se eu conseguisse um papel que me ajudasse a sair da zona de conforto. Mas não, escolhi outro horário livre para poder me esconder e dormir.

São 00h58. Quando o relógio chegar à uma da manhã, vou me forçar a sair do apartamento. Aqui tem sido meu santuário e minha prisão e, pela primeira vez, preciso res-

pirar o ar puro lá de fora em vez de apenas seguir às pressas do Ponto A até o Ponto B. Preciso contar as árvores, talvez cantar minha música favorita enquanto molho os pés no rio Hudson, e dar o meu melhor para ser lembrado como o jovem que morreu cedo demais.

É uma da manhã.

Não acredito que nunca mais vou voltar para o meu quarto.

Destranco a porta da frente, giro a maçaneta e abro.

Balanço a cabeça e bato a porta.

Não vou botar os pés em um mundo que vai me matar antes da hora.

NO DIA 5 DE SETEMBRO, POUCO DEPOIS DA MEIA-NOITE, MATEO TORREZ E RUFUS EMETERIO RECEBEM UMA LIGAÇÃO DA CENTRAL DA MORTE. A NOTÍCIA É DEVASTADORA: ELES VÃO MORRER NAQUELE MESMO DIA.

Os dois não se conhecem, mas, por motivos diferentes, estão à procura de um amigo com quem compartilhar os últimos momentos, uma conexão verdadeira que ajude a diminuir um pouco a angústia e a solidão que sentem. Por sorte, existe um aplicativo para isso, e é graças a ele que Rufus e Mateo vão se encontrar para uma última grande aventura: viver uma vida inteira em um único dia.

Uma história sensível e emocionante, *Os dois morrem no final* nos lembra o que significa estar vivo. Com seu olhar único, Adam Silvera mostra que cada segundo importa, e mesmo que não haja vida sem morte, nem amor sem perda, tudo pode mudar em 24 horas.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1082/>